

## **Festa do Divino em Mogi das Cruzes**

Robson Belchior Chaves<sup>1</sup>

### **Resumo**

A Festa do Divino Espírito Santo é, sem dúvida, uma das principais manifestações populares e religiosas da cidade de Mogi das Cruzes. Ela apresenta características próprias influenciadas pelo folclore local. As músicas, as danças, as canturias, as missas e os divertimentos profanos constituem as principais atrações da Festa.

Ao acompanhar os festejos foi possível observar as modificações, permanências e transformações ocorridas na Festa. Foi possível também, entender a influência, que ainda hoje, possui as manifestações em homenagem ao Divino.

Os símbolos dão forma e dimensões religiosas à manifestação popular. A bandeira, a pomba e o mastro são fundamentais para a constituição do universo simbólico e, assim, são os responsáveis por fazer a mediação entre o devoto e o Divino.

É na força devocional da tradição de se homenagear o Divino Espírito Santo que podemos buscar explicações para permanência desta festa na cidade de Mogi das Cruzes. Embora os novos caminhos para as manifestações populares e, principalmente as festas do Divino, sejam incertos temos a constatação de que existem pessoas que movidas pela devoção trabalham para continuidade desta tradição.

### **Abstract**

The Divine Holy Spirit Celebration is, no doubt, one the most important demonstrations of the folk religiousness of the Mogi das Cruzes town, in São Paulo. This celebration shows own characteristics, influenced by the regional folcklore. The musics, the

---

<sup>1</sup> Robson Belchior O Chaves é Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP

dances, the popular ditties, the masses and the secular entertainments are the high attractions of this Celebration.

In, was possible to observe the modifications, transformations and the permanences inside of this Party. Was possible too to understand the influence that, even today, the manifestations in homage to the Divine have.

The symbols give form and religious dimension to this folk manifestation. The flag, the pigeon and the mast are very importants to the constitution of the symbolic universe and, thus, are the responsables for the mediation between the devout and the divine.

Is in this hard devotion and tradition that we may to meet explications to the permanence of this celebration in Mogi das Cruzes. Although the new ways to the popular manifestations and, principally, the Divine Celebrations, being uncertain, we have the certainty that the devouts will continue to work and this tradition will stand.

Todos os anos no mês de maio comemora-se em Mogi das Cruzes o Divino Espírito Santo, festa que a mais de trezentos anos encanta os devotos e as pessoas que chegam de vários locais para acompanhar. Ela é ponto marcante e tradicional da fé cristã do povo mogiano.

Durante o período de festa são realizadas cerimônias, missas, alvoradas, passeatas noturnas, novenas, procissões, danças (congada, moçambique, marujada) além da quermesse que conta com a participação de diversos grupos musicais.

Assim, os fiéis fazem as suas promessas, louvam e agradecem as graças recebidas. Seguindo a tradição acreditam que quem promete ao Divino e não cumpre, cairá em desgraça. Ele leva o que foi prometido e ainda leva mais, deixando-o em situação financeira difícil.

Além disso, Os populares apresentam uma lógica própria que afirma sua fé e que a é força para mover à realização das festividades em nome do Divino Espírito Santo. É importante salientar porém, que, desde quando a igreja tutelou a festa ouve a inserção de toda uma forma erudita de religião e que se contrastou com a forma de religião popular ou

entre os conceitos teóricos e a práxis popular. Esses princípios estão constituídos nos estudos de Gramsci por acreditarmos ser o que mais contribui para o entendimento dessa realidade.

Conforme assinala José J Queiroz ao analisar Gramsci nesse sentido, Gramsci enquadra a religião no conjunto das ideologias mediante as quais o poder dominante controla a visão de mundo das massas dentro do bloco histórico. “... *Ela é a responsável pelas certezas que mantêm o povo ao nível do senso comum e o impede de elevar-se a uma visão crítica da vida e das contradições sociais*”. (QUEIROZ, 1991: 21).

Nesse sentido, podemos identificar claramente que existem dois tipos de religião, uma erudita a favor da classe dominante contra uma religião popular que através da práxis forma seu universo religioso. É parte integrante deste universo ainda o folclore. A inserção de práticas folclóricas é constituída através dos costumes e das especificidades locais.

Seguindo a mesma tendência teórica ao analisar os problemas de cultura popular em Gramsci Renato Ortiz nos diz que enquanto forma de conhecimento, o folclore se apresenta como uma concepção de mundo não elaborada ou sistematizada: “*nada mais contraditório e fragmentado que o folclore*”, afirma Gramsci. Esse conjunto de temas inarticulados de forma orgânica entre si, compõem na realidade, “*um aglomerado indigesto de fragmentos de todas as concepções de mundo e de vida que se sucederam na história, sendo que tão-somente no folclore podem ser encontrados os documentos incompletos e contaminados que sobreviveram na maior parte destas concepções*”. (QUEIROZ, 1991: 24).

No caso específico da Festa do Divino em Mogi das Cruzes as inserções folclóricas são restos indigestos, que não puderam ser ingeridas pela religião erudita. Essa concepção de mundo elaborada ou sistematizada, esse aglomerado indigesto de fragmentos que é contraditório e não orgânico é parte constituinte do universo religioso do “simples” talvez pelo fato da incorporação dos fragmentos culturais acontecerem sem fazer julgamento ou discriminação das diversas procedências.

Em suma, apesar da festa ser diferente de outras festas religiosas que narram um período (Páscoa, Festa de Reis, Etc.) sua lógica é constituída por um símbolo “O Divino Espírito Santo” é ele quem ordena os acontecimentos sem respeitar ordens cronológicas. Então, podemos afirmar que o eixo gerador da festa está nessa desorganização organizada, nessa desordem ordenada pelo símbolo maior “O Divino Espírito Santo”.

### **Origem da Festa do Divino em Mogi das Cruzes**

Trazida de Portugal no período colonial, difundida e aceita, hoje faz parte do calendário anual de diversas cidades brasileiras, as comemorações em homenagem ao Divino Espírito Santo tem sua origem ligada aos antigos rituais pagãos do culto ao vegetal. Apesar da variedade de versões sobre a origem da festa, todas trazem um ponto em comum: Portugal e o reinado da Rainha Santa Isabel (1271-1325). Depois de as festividades terem sido tuteladas pela igreja –de pagã a festa passa a ser cristã – a igreja passa assim a utilizá-la como meio de evangelização. Os pontos marcantes da festa são as danças, a incorporação do folclore local, a fartura de comidas e bebidas e, principalmente, a simbologia mística em torno de objetos como a bandeira, o mastro, e a pomba.

Em Mogi das Cruzes a festa do Divino acontece a mais de trezentos anos. Segundo Isaac Grinberg os primeiros registros da festa em Mogi são de 1871 apesar de fortes indícios de que antes já era costume a comemoração na região. (GRINBERG, 1983: 50).

Em suas linhas gerais, a Festa é uma homenagem, uma maneira que os fiéis encontram de agradecer as graças recebidas, assim como em Mogi a festa do Divino ocorre em diversas regiões brasileiras, em diferentes datas, que podem obedecer a datas específicas ligadas ao calendário pós-colheita do principal produto agrícola da região, ou ao calendário que coincide com a celebração do Pentecostes. (Ressurreição de Nosso Senhor, celebrado no quinquagésimo dia após a Páscoa).

Neste contexto, a origem das festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo é pagã. Tendo seu início quando os povos das antigas civilizações passaram a se reunir em épocas de colheita e sementeira. No entanto, a sua organizadora foi a Rainha Santa Isabel, esposa de Dom Dinis, o lavrador - rei que plantou os pinheirais de Portugal - a distribuição de comida por ocasião das festas não será um arremedo do "Milagre das Rosas?" *Conta-nos à lenda que a rainha gostava de dar esmola aos pobres. (Dom Dinis era um "barba-de-farelo", "pão-duro", conforme a gíria atual). Ao redor do palácio sempre havia pedintes. O rei proibiu tanta prodigalidade. Certa feita, Isabel, carregando no regaço uma quantidade de côdeas de pão para distribuí-las aos pobres, depara com o rei. Este pergunta-lhe o que levava na abada. "Levo rosas", responde a rainha caridosa. O rei quer ver. E vê rosas lindas!". (ARAÚJO, 1964: 122).*

### **Símbolos principais**

O universo simbólico é sem dúvida o que orienta uma das mais significativas manifestações populares brasileiras que se tem conhecimento até hoje. A simbologia utilizada é composta por signos fundamentais e necessários à manutenção da tradição. Tomando como fundamento a importância desse universo simbólico tomaremos como exemplo sua constituição no caso específico da Festa do Divino em Mogi das Cruzes.

Primeiramente, cabe destacar que o devoto é a maior exemplo de expressão da crença popular, é ele quem participa ativamente das festividades em homenagem ao Divino Espírito Santo dando significado e confirmando através da identificação com a bandeira, a pomba, mastro, e o império, todo vigoroso poder do símbolo.

Inicialmente, é importante notar que as bandeiras normalmente são vermelhas e trazem uma pomba branca, sempre de asas abertas, bordada no tecido. Na sua haste, a mesma pomba ornada com flores e fitas. A Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo (2009), apresenta as características principais das Bandeiras na Festa em Em Mogi das Cruzes:

Símbolo sagrado que representa o Espírito Santo para seus devotos. Sempre de cor vermelha e com um desenho de pomba branca no centro. Umaz trazem desenhos mais simples, outras trazem o Divino sobre raios, geralmente em número de sete, que simbolizam os Dons. Espalhados ao redor do centro e nos cantos, são dispostas flores de diversos tipos e cores, ou mesmo rostos de anjos. Esse trabalho manual é realizado geralmente pelo próprio devoto, e pode ser bordado, pintado ou aplicado. Os mastros das bandeiras ostentam em seus topos, uma imagem do Divino pousado sobre uma esfera armilar (o equivalente celeste a um globo terrestre), esculpida em madeira, metal ou gesso. Aqui, mais uma diferença; no mastro dos festeiros, o Divino apresenta-se sem ornatos, enquanto, na dos devotos, ele é todo enfeitado com flores em arcos. Na sua base, são atadas fitas coloridas de tamanhos diferentes, como ex-votos de graças recebidas. Há o costume, também, de os devotos darem nós nas fitas, a cada promessa que é feita.

Mesmo com a tendência de descaracterização da Festa ao longo do tempo, a bandeira é a última a desaparecer. Esta resistência deve-se ao fato de ser ela o símbolo mais presente no contato com o povo.

Outro aspecto marcante na simbologia é a pomba. Ela representa o próprio Divino, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, que coexiste com o Pai e o Filho durante toda a eternidade.

“... Nem gerado nem feito, procede, das duas pessoas por seu mútuo amor, como de um princípio. Espirado pelo Pai e o Filho é chamado o Espírito Santo, e, como propriedade lhe atribuímos as obras de amor: regeneração, revelação, santificação” (CARLO FILHO, 1989: 21).

A Pomba merece uma atenção especial quanto a seu significado. Entre os gregos era consagrada a Afrodite e símbolo de amor sublime. Na arte cristã é, sobretudo símbolo do Espírito Santo. A pomba é citada em várias passagens da Bíblia. No fim do Dilúvio trouxe a Noé um ramo de oliveira (Bíblia Sagrada, Gn 8, 10-12) para anunciar a boa nova de que já havia terra firme. Em outra citação, pairou sobre Jesus em seu batismo no Rio Jordão (Bíblia Sagrada, Mt 3, 16) anunciando a paz Divina.

De certo modo, a pomba simboliza os fiéis que gozam dos benefícios espirituais da ressurreição de Cristo e da paz da Igreja, e seu respectivo futuro no reino do céu.

Dentro desse contexto constitui elemento principal o Mastro por ser parte importante das festividades. A sua cerimônia de levantamento ocorre sempre nas imediações da Catedral. O encarregado da confecção e cerimônia de levantamento à frente da matriz na véspera do Domingo de Pentecostes se chama Capitão do Mastro e, na maioria das vezes, é indicado pelo Festeiro.

Outra parte importante a ser lembrada é o Império – local previamente construído para acolher a imagem do espírito santo, as bandeiras do festeiro e as dos devotos, bem como a coroa e o cetro – Compete ao Pároco local dar início e ao bispo diocesano encerrar a cerimônia de abertura do império. Vale destacar ainda a existência de Subimpérios, destinados aos bairros mais afastados.

Dessa forma, são pedidas bênçãos e cantadas músicas de louvor dando graças ao Divino Espírito Santo por sua existência. Sobre a montagem do Império e dos Subimpério na Festa em Em Mogi das Cruzes percebe-se:

Em Mogi, o altar é montado e ornamentado em uma cabana especialmente levantada para esse fim, na Praça da Catedral. Esse altar é renovado a cada ano, sob a orientação do respectivo festeiro e com execução de artistas locais. Sua abertura acontece na Quinta-feira da Ascensão, dia que marca o início das festividades.

Subimpério: Antigamente, eram os altares montados pelos devotos em casas mais afastadas do centro. Nos últimos anos, eles são montados principalmente nas escolas. A sua inauguração é uma festa em particular, e conta com a presença dos festeiros, ex-festeiros e membros da comunidade do bairro. (Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo, 2009).

Dentro desse contexto, apresenta-se a figura do Imperador do Divino. Ele pode ser o próprio festeiro, como ocorre nas festividades em Mogi ou uma criança como em várias cidades. A escolha de crianças, de aproximadamente dez anos, significa talvez uma tentativa de resgate da pureza perdida. Sendo assim, a figura mais importante nos festejos passa a ser o Imperador. A ele são atribuídos plenos poderes podendo, inclusive, interferir sobre as leis comuns.

Do ponto de vista da historiografia por exemplo, no período da escravidão, diz a tradição, que se libertavam escravos por ocasião das festividades. O mesmo ocorria em relação aos presos. Eles durante o ano escreviam cartas declarando seu arrependimento e faziam seus pedidos de liberdade. Sendo assim, o Imperador do Divino na semana da festa escolhia um preso para ser liberto.

O Festeiro é o responsável pela realização e andamento dos festejos. Em algumas cidades são eleitos entre os devotos, em outras como Mogi das Cruzes, são indicados pelo bispo diocesano. Sobre as atribuições do Festeiro em Mogi percebe-se:

O festeiro -também chamado de imperador do Divino-, é a figura central nos rituais e organização da festa. O casal de festeiros é formado por devotos indicados por ex-festeiros que são submetidos ao crivo final do bispo diocesano. Além das tarefas de angariar recursos e de fazer o controle administrativo, os festeiros devem percorrer os subimpérios fazendo um trabalho de divulgação da festa. Era na casa dos festeiros que antigamente ficava o Império, principal altar em louvor do Espírito Santo onde são expostos a coroa, o cetro e as bandeiras dos devotos. Atualmente o Império fica na praça da matriz da cidade. A boa disposição dos festeiros e seu bom relacionamento com a comunidade são alguns dos principais fatores para o êxito da festa. (Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo, 2009).

A organização da festa é de responsabilidade do Festeiro que por muitas vezes com as folias percorre as imediações da cidade arrecadando fundos e colhendo donativos que os devotos oferecem como agradecimento ou forma de pagamento por uma graça recebida.

A imagem do Festeiro assume grandes proporções perante a comunidade não somente no âmbito social, econômico ou político, sendo atribuídos a eles, inclusive, poderes curativos. Apesar de todo esse status é proibido tirar proveito da festa para benefício próprio. Diz a tradição que quem rouba o Divino ele leva o que a pessoa pegou e ainda o que ela tem; em consequência disso cairá em desgraça e morrerá na miséria. É o preço pela sua desonestidade.

## **Danças e Musicas**

As danças fazem parte das principais atrações em homenagem ao Divino Espírito Santo. É evidente as influências da cultura afro, da portuguesa e da cultura ameríndia em seus bailados. Em alguns estados prevalece mais uma ou outra, dependendo do contexto histórico da região. Em Mogi das Cruzes, a influência maior é da cultura Afro, acredita-se que no período da escravidão houve a inserção das danças (congada, moçambique, marujada) representadas como uma maneira de resistência, uma herança que expressa uma forma particular de exaltação, uma espécie de intromissão de danças e cânticos étnicos nas comemorações católicas. Isto foi ocasionada, historicamente, pelas estratégias de catequese utilizadas pelos jesuítas, e posteriormente pelos representantes da Igreja, na conversão de índios e de populações negras. No entanto, à medida que a presença eclesiástica se tornava mais rala, a festa enquanto conjunto de expressões - rezas, procissões, cânticos e danças - consolidou-se, em especial porque conduzida por uma mentalidade popular que não via, nessas ocasiões e nem mesmo no dia-a-dia, a cisão entre o sagrado e o profano.

Segundo a Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo, em Mogi das Cruzes atualmente existem quatro grupos de congada (Congada N. S. do Rosário , Congada São Benedito, Congada Santa Ifigênia e Congada Batalhão N. S. de Aparecida) e dois de moçambique (Moçambique São Benedito e N. S. do Rosário).

A congada e o moçambique ainda hoje resistem bravamente frente a toda essa modernidade tecnológica. Em todas essas danças encontramos a luta como um ponto central. Na maioria das vezes seus integrantes são os fiéis, e para eles, a própria dança é uma prática religiosa.

Outra característica marcante na festa em homenagem ao Divino é a musica. Quando falamos em música é importante lembrar que estamos falando de um tipo de música popular, aquela que está intimamente ligada às práticas coletivas particulares do mundo rural e não a uma música popular ligada a satisfação e ao individualismo coisa que surge com o crescimento dos centros Urbanos.

Assim como as danças, a música brasileira segue três linhas mestras: a portuguesa ou europeia, a ameríndia e a africana, tendo destaques ora uma, ora outra dependendo especificamente de cada região, de acordo também com o contexto histórico.

A música serve antes de tudo como um veículo de correspondência entre o homem e as divindades invisíveis, ela é a via que conduz o devoto rumo ao sobrenatural.

A interação proposta pela música de unir-nos ao Divino, de conduzir-nos e guiarnos rumo ao invisível expressa-se diretamente nas alvoradas, missas, procissões e folias onde é possível sentir o poder edificante de sua melodia. A música toca diretamente ao coração e por isso é usada para traduzir nossos mais íntimos sentimentos.

A contribuição negra africana foi muito importante, principalmente pela criação de instrumentos de percussão que eram, podemos assim dizer, a melhor de suas especialidades. É possível, ainda hoje, encontrar mesmo nas grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo vários destes instrumentos trazidos pelos negros. Flausiano Rodrigues Vale valoriza e associa essa peculiaridade dando ênfase ao caráter sentimental. Desta forma, ao dizer que: “*Ninguém pode negar que de todas as raças, a mais sentimental e que melhor se deixa levar pelo coração é a negra*”. (VALE, 1957: 47). Flausiano destaca o negro africano e toda a sua técnica associando-a com o coração para dar maior destaque a influencia afro na musica brasileira.

### **Comezainas**

Qualquer festa popular brasileira é sinônimo de comidas e bebidas. A fartura é vista como um sinal da graça de Deus. A maioria das festas populares por estar associada ao ciclo agrícola apresenta características que valorizam as comezainas.

No Brasil, a fartura nos dias de festa contrasta com o cotidiano, no qual muitas pessoas não têm acesso á alimentação, por isso, nos dias de festa tem a oportunidade e podem se fartar. Em Mogi das Cruzes temos como principais atrativos Tortinho (bolinho caipira em formado de meia lua), Churrasco dos Sete Dons, Rosa-Sol (bebida feita com pinga, cravo, canela, erva doce, casca de limão e noz moscada, Vinho Quente e o Afogado

O Afogado tradicionalmente servido na Festa do Divino Espírito Santo é um prato muito apreciado na região do Alto Tietê e principalmente Mogi das Cruzes. Preparado basicamente com carne de boi cortada em pequenos pedaços e diversos temperos. O

ensopado também pode ser completado com legumes e deve ser servido sempre quente em pratos fundos acompanhado de farinha de mandioca e arroz.

... *O costume de se comer afogado, além do aspecto prático, pois soluciona o problema da alimentação, no sábado, dos milhares de devotos vindos para a festa, encontra suas origens em Portugal nos jantares do Espírito Santo. Elemento do culto da Beira Alta e Beira Baixa, em Portugal, consiste em refeições rituais. Rituais em sentido vulgar (cerimonioso) e religioso de palavra, por que não se trata apenas de comer, são cerimônias longas, a ponto de a sua demora se tornar provável: “Longo como um jantar do Espírito Santo”. (Mogi News, 1997: 07).*

A Festa do Divino Espírito Santo, na cidade de Mogi das Cruzes, é, sem dúvida, uma das principais manifestações populares e religiosas da cidade. O folclore local, as músicas, as danças, as comezainas constituem as principais atrações da Festa.

Os símbolos dão forma e dimensões religiosas à manifestação popular. A bandeira, a pomba e o mastro são fundamentais para a constituição do universo simbólico e, assim, são os responsáveis por fazer a mediação entre o devoto e o Divino.

Contudo, é na força devocional da tradição que podemos buscar explicações para permanência desta festa na cidade de Mogi das Cruzes. Embora os novos caminhos para as manifestações populares e, principalmente as festas do Divino, sejam incertos temos a constatação de que existem pessoas que movidas pela devoção trabalham para continuidade desta tradição.

#### Referencial Bibliográfico

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional*, Vol. 2 *Danças, Recreação, Música*. São Paulo: Melhoramentos 1975;

Bíblia Sagrada: Edição Pastoral. Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, São Paulo, 1990;

CARLO FILHO, José de & RODRIGUES FILHO, José Maria. *Mogi das Cruzes. Das origens à Festa do Divino*. Mogi das Cruzes: Diafragma. 1989.

ETZEL, Eduardo. *Divino: simbolismo no folclore e na arte popular*. São Paulo: Giordano;  
Rio de Janeiro: Kosmos. 1995;

GRINBERG, Isaac. *Folclore de Mogi das Cruzes*. São Paulo: ed. Do autor. 1983;

QUEIROZ, José J. *Religião e Religiões: um enfoque em chave gramsciana*. In: Revista  
Travessia, maio/agosto, 1991,

VALE, Flausiano Rodrigues. *Elementos de folclore Musical Brasileiro*, Rio de Janeiro:  
Edições de Ouro. 1957

Associação Pró-Festa do Divino Espírito Santo. [www.festadodivino.org.br](http://www.festadodivino.org.br), acessado em  
10/06/2009